



POTENCIALIZANDO O DISCURSO TRANS POR MEIO DA TRAJETÓRIA DE UMA ESTUDANTE NÃO-BINÁRIA

POWERING TRANS DISCOURSE THROUGH THE TRAJECTORY OF A NON- BINARY STUDENT

DOI: <https://doi.org/10.24979/ambiente.v17i1.1330>

*Joelma de Castro da Silva, Universidade Estadual de Roraima/UERR - <https://orcid.org/0009-0003-0126-1456>
Huarley Mateus do Vale Monteiro, Universidade Estadual de Roraima*

Resumo: O presente trabalho caracteriza-se por uma escrevivência trans não-binária, a qual objetiva apresentar uma narrativa não-binária como forma de contribuir para estudos voltados a esta comunidade. Pretende-se possibilitar uma reflexão crítica acerca das dificuldades da existência de um corpo que performa uma caricatura avessa ao tradicional em um espaço que invalida essa identidade, abordando desde os sentimentos de autodescoberta até conflitos que a binaridade imposta na sociedade atual provoca em um corpo transgênero e o peso dessa trajetória no meio familiar, escolar e cristão. Evidencia-se, ao final, a universidade como espaço de voz no incentivo e fomento de discursos oriundos daqueles cuja imagem se rebela ao tradicionalismo que oprime e silencia.

Palavras-chave: Escrevivência. Trans não-binária. Narrativa. Identidade.

Abstract: This work is characterized by a non-binary trans “escrevivência”, where the objective is to present a non-binary narrative as a way of contributing to studies aimed at this community. It is intended to enable critical reflection amidst the difficulties of the existence of a body that performs a caricature contrary to the traditional in a space that invalidates this identity, addressing everything from feelings of self-discovery to conflicts in which the binarity imposed in current society provokes in a transgender body and the weight of this trajectory in the family, school and Christian environment. In the end, the university becomes evident as a space for voice in encouraging and promoting speeches from those whose image rebels against the traditionalism that oppresses and silences.

Keywords: Escrevivência. Non-binary trans. Narrative. Identity.

INTRODUÇÃO

Um de nós
E se Deus fosse um de nós?
Apenas um desleixado como um de nós
Apenas um estranho no ônibus
Tentando voltar, do seu jeito, para casa?
Apenas tentando voltar para casa
Voltar para o céu sozinho
(Osborne, Joan. One of us. 1995, tradução nossa)¹

Na cautelosa ideia de Deus como alguém qualquer, proponho este trabalho. Atente-se ao fato de que tê-lo no imaginário como uma pessoa simples não insinua a este um papel de irrelevância, mas reafirma a humildade e simplicidade que o representa e foi/é pregada por tantos de seus discípulos.

A imagem da “divindade suprema” é diferente para cada pessoa. Era-me costumeiro pensar que divergia essa interpretação a partir de culturas e crenças, o que já não condiz com minha verdade, agora advinda da perspectiva de que sua imagem vem da forma como o reproduzimos em nossa mente através de orações, anseios e desejos. Não tem como duas mentes transitarem entre uma mesma imagem fictícia, não quando ela reproduz o que há dentro de nós.

A proposta desde relato está, no entanto, nas histórias que me permitiram descobrir ser alguém como qualquer outro, e das dificuldades de lidar com essa existência. Todavia, enquanto no meu imaginário pessoal minha imagem é corriqueira e representa apenas quem sou, o coletivo, que não é formado por uma ideia fixa, acaba por divergir e transitar nas muitas versões de mim que para estes se apresenta. Nesse processo, onde o imaginário popular deduz minha imagem, ela tanto passa despercebida como incomoda, orgulha, preocupa, mas, principalmente, dado o contexto social no qual estou inclusa, provoca.

Para melhor evidenciar esses apontamentos, busquei incorporar recordações/vivências em que esses pensamentos me foram repassados como conselhos, críticas, elogios e ofensas. Além, é claro, dos detalhes percebidos por mim que influíram na construção da identidade que carrego hoje. Enriqueço este trabalho também com ideias de autores como Reis e Castro (2019), Botton e Strey (2010), Góes (2019) e Butler (2003), nas suas concepções foucaultianas acerca de gênero e sexualidade. Tais fontes são minha inspiração para usar a voz e

apresentar minha trajetória por meio desse texto de forma heterogênea e em que, por vezes, não sou apenas alguém qualquer, mas parte da resistência para com os ideais, ainda excludentes, das nossas instituições de ensino, religiões e normas sociais tradicionalistas que me subjugam não apenas por minha identidade não-binária e *queer*², mas pela caricatura avessa ao tradicional que carrego no pensamento, na fala, nas vestes e no discurso.

Neste trabalho, propôs-se adotar a escrevivência como ferramenta metodológica na pesquisa. O termo vem da junção das palavras ‘escrever’ e ‘vivências’ e é autoria da escritora Conceição Evaristo. Caracterizada pela narrativa de si em similaridade com a autobiografia, surgiu na premissa de dar voz às mulheres escravas e negras que foram silenciadas através da história durante o período da escravatura e no intuito de estimular essas mulheres a narrar suas próprias vivências. Nas palavras de Evaristo (2015), a escrevivência é a “escrita marcada pela vivência, que é marcada pela sua experiência” (Evaristo, 2015 apud Oliveira, Sampaio, & Silva, 2021, p. 174).

Atualmente a metodologia não compreende somente a trajetória de mulheres negras, mas trata-se de uma escrita que permite ao pesquisador se abrir para sua pesquisa e observar sua própria narrativa, independente do gênero ou raça. Dessa forma, para Evaristo (2015)

Na qualidade de autora ou autor de uma escrevivência, antes de iniciar o exercício da escrita, deve-se colocar-se na posição de observador, se propõe a reconhecer a realidade; contatá-la; para então portar capacidade suficiente para transportá-las (Evaristo, 2015 apud Oliveira, Sampaio; Silva, 2021, p. 174).

A princípio, esclareço que minha participação social aqui relatada está numa existência tímida e quieta como forma de exemplificar como construí minha visão de mim e do mundo enquanto pessoa não-binária num ambiente religioso e patriarcal, visto que a sensação de estranhamento com uma sociedade que não me reconhece influenciou nessas experiências e se reproduziram no meu comportamento recluso, à medida que resultam do convívio com uma população que defende sua história, crenças e concepção de família.

Nesse sentido, este trabalho surge no desejo de trazer tais questionamentos e permitir a

1 Do original em inglês “One of us”. Compositor: Eric Bazilian.

2 Queer é um termo em inglês normalmente usado para se referir a pessoas que não adotam padrões tradicionais de gênero e sexualidade.

visibilidade desses sujeitos. De dialogar sobre o que a sociedade contemporânea tenta determinar e como isso influencia nas vidas de pessoas cujas performances de gênero não se resumem ao binário e ao cis. À vista disso, em um primeiro momento localizo o relato na cidade de Boa Vista, onde passei a infância e em seguida, adentro na adolescência e início da vida adulta em Rorainópolis, interior do Estado de Roraima e onde vivo atualmente.

Boa Vista, até onde tenho recordação, foi o lugar onde mais tive interação com meus familiares e amigos. Eram muitas as visitas de primos, tias e irmãos da igreja que frequentávamos. No entanto, minhas lembranças se resumem à casa onde morávamos, vizinhança, igreja, casas de parentes e escola, pois de passeios na cidade de modo geral pouco carrego em memórias pelo ar reservado da minha família que não ia a praças, restaurantes, sorveterias, parques ou cinemas. O comportamento era correspondente aos costumes dos meus pais, à simples condição financeira e à religiosidade rigorosa.

A pequena casa de madeira onde vivia com minha família no bairro Alvorada foi lar de algumas “tocatas”, que são pequenos eventos da igreja em que músicos e a irmandade se reúnem na casa de “irmãos” para tocar e cantar hinos, e sempre encerrava com uma pequena refeição. Nas demais vezes em que os irmãos visitavam nossa casa, eles traziam alimentos e roupas como doação de uma organização da igreja chamada de “obra da piedade”, normalmente dirigida apenas por “irmãs”. Vejo que a interpretação que construí sobre o lugar da mulher na religião começa nas relações de gênero que observei dentro dessa instituição evangélica que divide não apenas os cargos de serviço prestados, mas ambos os sexos sentam em lugares opostos dentro do templo.

É por meio dessas imposições e normas da binaridade no cotidiano que passei a construir minhas interpretações do mundo, nos “estereótipos de gênero e papéis sexuais/sociais que, baseados em discursos binaristas instituídos e banalizados, resultam na incorporação e execução de masculinidades e feminilidades, vistas como naturais”. (Botton; Strey, 2010).

Rotineiros eram os momentos em que me questioneei o porquê de as mulheres não poderem cortar seus cabelos, assumir certas posições em

cargos, presidir cultos religiosos ou tocar outros instrumentos musicais da orquestra da igreja. O único permitido era uma espécie de teclado chamado órgão, o qual, mesmo sabendo que não poderia tocar na igreja, porque era exclusivo de mulheres, meu irmão mais velho foi o único da família a aprender. Em decorrência disso, ele também tentou aprender sax alto e me levava de bicicleta para assistir às suas lições. Fui com ele e minha mãe a muitas aulas e meu pai chegou a comprar um teclado para eles praticarem em casa.

Sentada nesse teclado, em uma noite qualquer desta minha infância, fui surpreendida por uma pergunta que despertou partes de mim que não conhecia até então. Depois de tocar várias lições e provocarmos temas os quais não compreendia bem na época, como sexualidade e pecado, uma tia questionou a mim e minha irmã o que faríamos se descobríssemos que nosso irmão era gay. Lembro-me de gelar com a pergunta e responder com toda a convicção que lhe daria um soco nos dentes. Ela questionou novamente se eu tinha certeza, e eu confirmei. Assim, de surpresa, eu proferi as primeiras palavras homofóbicas das quais tenho recordação. É por isso que, pensando no adulto como espelho para as crianças, faz-se necessário:

Refletirmos e problematizarmos essas particularidades, percebemos que elas atendem a demandas específicas da infância, principalmente trazendo dados da realidade que as circunda e que os(as) pequenos(as) estão recém começando a conhecer. Desse modo, conquistam a atenção das crianças repassando normas e práticas de um mundo que elas, embora desconheçam em parte, esforçam-se para sentirem-se incluídas e serem integrados pelos adultos, suas figuras de inspiração. (Botton; Strey, 2010).

Para as autoras, há uma necessidade socialmente predominante de dar continuidade aos valores que foram repassados aos adultos em seus tempos de infância. Trata-se de uma reprodução. Tais comportamentos fomentam a instituição de “gêneros fictícios” como sendo os verdadeiramente corretos. E isso acontece porque, quando se rotula o gênero, predomina a heterossexualidade como modelo referencial de “boas maneiras”. Um bom pai não tentará fazer seu filho agir contrário às normas. Além disso, vendo-as como um comportamento enraizado, não existe uma ideia contrária a isto que não fomente a desordem.

Acerca da argumentação pautada no ato de

predominar modelos e papéis ideais de gênero, Butler, em seu livro *Problemas de Gênero*, delimita o efeito de se regular e controlar o humano enquanto ser detentor da própria identidade. Para a autora, isso resulta na criação de algo que na verdade não existe, tornando a própria ideia de gênero questionável. Butler (2003) afirma que

Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável (p. 195).

Assim, o gênero passa a ser interpretado como ferramenta de ser e dizer. Controlar sua expressão e a forma que se constrói para produzir padrões heteronormativos é um meio de se instituir silenciamento àquele que se submete a proferir uma verdade contrária aos modelos preferencialmente impostos pela sociedade e, nesse instante, pela família.

Nas brincadeiras de rua, o gênero não parecia excluir nada nem ninguém. Éramos eu, meus irmãos e a “molecada” da rua toda fazendo todo tipo de brincadeiras. Futebol, queimada, vôlei, esconde-esconde, pega-pega, polícia e ladrão, papagaios, pipas, e as fazendinhas feitas com lascas de galhos que espetávamos pelo chão do quintal.

Em casa, minha mãe me presenteava com bonecas, e eu me divertia fazendo casinhas e adotando-as, embora não fossem minha fixação. Evidencio isso pelo fato de passar as tardes cerrando madeira, fazendo pequenos furos em tampas de garrafa e construindo meus próprios carrinhos de brinquedo. Alguns eram promovidos a caçamba e bem representados por uma lata de margarina pregada sobre um pequeno pedaço de madeira. Ademais, pipas e papagaios eram confeccionados por mim com materiais que encontrava em casa.

Uma dúvida que me ocorria com muita frequência na época era se eu não tinha acesso a esses brinquedos, normalmente usados pelos meninos, por questões financeiras, no sentido de que minha família era muito simples, ou pela religião, que era rígida acerca dos costumes determinados por gênero e estabelecia mais rigorosamente o papel da mulher. O que eu, na época, não compreendia, é explicado por Reis e Castro (2019), afirmando que:

Os reforços de utilização de determinadas cores (azul para meninos, rosa para meninas), as regulações nos modos de ser e estar, os brinquedos que são dados às crianças entre outros, serão exercícios do poder (re)construtores das normas de gênero. São técnicas para a instituição do exclusivamente feminino ou exclusivamente masculino, para conformação dos corpos – do modo de cortar o cabelo ao modo de ser e estar no mundo – para que se concretize a continuidade entre sexo, gênero e, futuramente, desejo (p. 6).

Fazendo referência ao pensamento de Butler, os autores são incisivos no apontamento das normas sociais que visam adequar os sujeitos. Isso é notório no ato simples de se educar uma criança no intuito de ter garantias de que esta não corromperá sua forma de se apresentar ao mundo.

Todavia, a respeito do uso de brinquedos, não digo que regras explícitas me impedissem ou fosse repreendida por meus pais, mas, por já ter percebido que aquilo não era normalizado, lembro-me de nunca ter a iniciativa de pedir para comprarem para mim, pois temia o julgamento e não queria ouvir que eu queria parecer um menino ou ter que lidar com comentários recebidos na escola pelo meu jeito de andar, correr e brincar.

A partir dessa linha de pensamento e considerando a sensação de arbitrariedade do binário como fomento para a predominância da heterossexualidade compulsória, aponto minha ideia aqui defendida de “imagem”, através de Butler (2003), em sua teoria mais conhecida, fundamentada no espectro de gênero mutável, que sugere a própria designação de gênero como não portadora de uma essência, perpassando por críticas à sua construção, que é histórica e cultural, no momento em que afirma como essas definições em torno do gênero são meramente fundamentadas nas normas tradicionais em contraponto às possibilidades infinitas das representações de gênero que podem se apresentar na imagem por meio da performance (Butler, 2003).

E é aqui, permeados pela argumentação acima, que chegamos ao meu primeiro relato numa instituição de ensino.

São três horas da tarde, provavelmente de uma quinta ou sexta-feira e andávamos, na época, eu e minha mãe, a pé, para fazer compras. Em alguns dias especiais, várias lojas se juntavam para fazer um “queimão”, os preços ficavam baixíssimos e geralmente acontecia aos sábados, mas nesse dia em

especial estávamos indo para a Solon Rodrigues Pessoa ou nas lojas do Pintolândia. O centro era muito longe para o nosso bairro, o Alvorada, então íamos nesse trajeto pela variedade, preço e distância, pois poderíamos ir a pé. Lembro-me bem desse dia porque saí na intenção de comprar meu primeiro par de sapatos.

Era uma obsessão minha da infância, ter algo que quase todos os meninos da escola tinham. Lembro-me de andar pelos corredores procurando os pares mais bonitos e imaginar o meu andar com algum deles sob minha posse. Nas meninas era difícil algo material atrair meu interesse, não por ter as mesmas coisas que estas tinham e estar satisfeita, mas pelo que elas mais cobiçavam serem para mim monótonos e sem brilho. A ironia é que seus pertences em geral eram cintilantes, ousados e coloridos. Não era isso que eu queria. Sabe aquele tênis de solado grosso que faz um som abafado ao tocar no chão?

Se fosse uma quinta-feira comum, deveríamos nos apressar, pois havia culto à noite, o caminho não era curto e não poderíamos ficar cansadas da caminhada pelas lojas. Minha mãe, já experiente, tinha aprendido a não ir às compras comigo na expectativa de ser algo breve. Sem intenção nenhuma de ser rude, eu a fazia andar quase todas as lojas do trajeto. Nada me deixava satisfeita. Ela se estressava e eu ficava mal por isso.

Demorei a admitir para mim mesma que eu teria mais chances de encontrar o que queria na secção masculina. Mas, na infância, eu precisava e me contentava com o afeto materno, o que me fazia rotineiramente ceder e aceitar algo apenas para agradar, receber sorrisos e um delicioso “Aiai, essa menina!”. Porém, não foi nesse dia. Após uma caminhada cansativa e suada, em uma loja pequena e pobre de cores, eu avistei um sapato vermelho com azul. A partir daí, foram contados nos meus dedos as horas, minutos e segundos para calçá-lo pela primeira vez.

Na manhã do dia letivo seguinte, eu coloquei uma meia, coloquei o mais novo adquirido acessório, já então favorito, para caminhar até à escola, que ficava a dois quarteirões da minha casa. Eu temia uma possível desaprovação, mas a minha felicidade era tanta que não me entristeci por antecipação. Foi naquela manhã, enquanto aguardava na fila para cantar o hino nacional no pátio, que minha colega de

turma, com um tom de voz brando e próximo ao meu ouvido, me alertou dos perigos que aquele novo estilo poderia causar a minha imagem. Ela disse para eu não ficar triste quando me dissessem que não era para meninas, e disse para não me preocupar com as piadas e os risos que estavam por vir.

Os anos passaram e foram gentis comigo, considerando que a cidade de Boa Vista era grande e cheia de pessoas com sapatos mais distintos que os meus. À vista disso, me despeço aqui deste para dar início às experiências como uma adolescente no município de Rorainópolis.

Foram 9 anos em Boa Vista até que, em meados de 2013, eu e minha família nos mudamos para Rorainópolis, onde passaríamos mais 10 anos. Meus pais alugaram temporariamente, uma casinha de madeira que ficava na rua da escola onde eu continuaria meus estudos no restante do Ensino Fundamental.

Imaginar que eu poderia começar de novo em um ambiente escolar totalmente diferente foi garantia de uma euforia momentânea sem tamanho. A inocência dos meus 12 anos de idade me convenceu de que era minha timidez e as pessoas reservadas da capital a razão pela qual eu não tinha amigos e era motivo de comentários e olhares maldosos. Não sei ao certo se foi uma consequência da mudança repentina ou o anseio de reviver memórias das antigas escolas, mas quando cheguei a Rorainópolis eu simplesmente parei de falar.

No primeiro dia de aula parecia que meus sentidos estavam apurados, pois me percebi nos atos de ouvir e ver a todos os detalhes. As piadas com um homem chamado “Zé Arara”, que mais tarde descobri ser um morador de rua da região, os dizeres “vicinal”, “pessoal da rua”, “sebozinho” e “portelinha” me deixaram perdida e me faziam experienciar uma confusão interna onde me percebia como parte de algo do qual não fazia parte. Presumi que era questão de tempo até estar num lugar onde poderia chamar de lar e ser rodeada de certezas. Mas isso nunca aconteceu.

Em meio ao processo de se perceber como uma pessoa trans, para uma criança que ainda não conhece os termos corretos, cujas designações se resumem a “homem” e “mulher”, nos instantes em que não encontra similaridades com aqueles ao seu

redor ou sequer se reconhece no espelho, há um desafio persistente de não poder se descobrir por não conhecer todas as variáveis. Para tanto, pensando nesse fardo, Reis e Castro (2019) explicam como

Na nossa constituição enquanto indivíduos, desde crianças, somos impelidos a pensar dentro de algo, a nos sentirmos pertencentes. Somos culturalmente cobrados: temos um nome, frequentamos escolas que nos dividem por faixa etária e gênero, somos perguntados/as de nossas identidades sexuais, nos classificamos em raça e etnia etc (p. 9).

Os autores ainda apontam essas ações como uma “responsabilidade identitária”, traduzindo esse sentimento de querer pertencer a determinado grupo, que é naturalizado e não exclusivo a uma pessoa que se descobre fora de um padrão binário, mas presente a qualquer indivíduo (Reis; Castro, 2019).

No entanto, não há de se especular que vivi como miserável infeliz. Porém, não foi uma tarefa fácil responder a tudo e todos com um aceno de cabeça, vezes para cima e para baixo (sim), vezes para esquerda e direita (não). O rosto era inexpressivo. Muitos dizem que continua sendo, então ele não ajudava muito nas respostas. O ato de me sentir fora dali, para minha surpresa, foi o que abriu caminho para que eu pudesse ser o que quisesse.

A partir desse momento, o intuito era desvendar todos os meus gostos. Na época, não interpretei isso como o início de uma transição de gênero, não tinha conhecimento de que esse ato existia, mas não era necessário, a ação de performar uma imagem que me deixava mais próxima do que podia passar a chamar de “eu”, já é um ato essencialmente trans, no sentido de que

O gênero é algo que a pessoa se torna [...] uma espécie de dever ou atividade [...]. Se o gênero não está amarrado ao sexo, causal ou expressivamente, então ele é um tipo de ação que pode potencialmente se proliferar além dos limites binários impostos pelo aspecto binário aparente do sexo (Butler, 2003; p.163).

No sentimento presente no ato de “se tornar”, argumentado pela autora, a este ponto, além dos sapatos comumente usados por meninos, também adotei um boné que sempre usava enquanto voltava a pé da escola. Para ter justificativas caso alguém questionasse o uso desses acessórios masculinos, eu mentalmente planejava diálogos explicando um porquê que não explicitasse meu interesse em parecer um garoto; eram respostas corriqueiras como “para

me proteger do sol”, “tenho uma pele sensível”, “não gosto de sol no rosto”, “minha mãe alertou que não podia pegar sereno”. Para explicar os sapatos, eu já não tinha mais desculpas e preferia admitir que havia comprado por eles me fazerem sentir bonita.

No que concerne à minha casa, a movimentação passou a tomar novas estruturas. Quando meu irmão, que dividia quarto comigo, saía de casa, eu costumava coletar suas roupas no varal e me admirar no espelho por ficar mais bonita que ele ou, como passei a se referir a mim nestes momentos, mais “bonito”. Vi-me descobrindo que minha fixação por sapatos se direcionou aos chapéus. Usava-os para esconder o cabelo e parecer que ele não era comprido ou que não estava lá. Não era uma alternativa cortá-lo, eu era uma serva de Deus obediente e meus pais nunca permitiriam, mas imaginar não era praticar, então não havia culpa. Além disso, quando questionei a minha mãe se as pessoas estavam certas ao criticar minhas roupas, ela já respondia coisas como “precisa vestir o que te faz bem” ou “não é eles que vão vestir, é você”.

Evidencia-se aqui como, mesmo num núcleo familiar conservador e religioso, minha mãe me permitia ousar um pouco nas minhas vestimentas. Havia, é claro, limites como o de não cortar o cabelo ou usar calças compridas. Ainda assim, a figura materna, como aponta Dias (2015), “é a principal figura a ser conquistada no processo de aceitação”. O ambiente familiar em si, como argumenta o autor, “mostra-se de extrema importância para as pessoas trans” (Dias, 2015, p. 78).

Perdi a conta dos momentos em que minha mãe me apresentou às irmãs da igreja enquanto me encontrava em um misto de estilo robusto composto por boné (pertencente ao meu pai), camisa social (roupa velha que meu irmão cedeu a mim depois de muita insistência) e uma saia sem nenhum contexto aparente, mas que simbolizava uma norma tradicional da igreja, em que mulheres não podiam vestir calças compridas. Era a única coisa que eu queria ter, mas não poderia vestir, ainda.

A partir daí, já tinha ficado notório o que eu queria encontrar no espelho todas as vezes em que me produzia. Para além disso, minha até então fixação por bonés cedeu lugar às camisas grandes e nada femininas do meu irmão, as quais, por conseguinte, substituí por gravatas e posteriormente calças. Era

comum eu estar com as blusas de gola que ganhei e acrescentar a elas um lenço com nó de gravata que eu fingia ser de verdade, só que numa versão estilosa. Não seria possível dizer, aliás, que tais costumes foram adquiridos pela influência das redes sociais, visto que o celular que usava na época não teve acesso rotineiro à internet por um bom tempo. Neste período, a partir dos 13 anos, eu já sabia que, quando olhasse no espelho, não queria ver uma garota bonita. Queria ver um garoto, bonito.

Adentrando no Ensino Médio, pude finalmente fazer minhas primeiras amizades. Ainda usando saias e com o uniforme da escola, não havia evidência das vestimentas que curtia. A propósito, os acessórios que mais gostava não simbolizavam nem 20% do meu guarda-roupa, visto que ainda não tinha autonomia nas compras e não gostava de sair para fazê-las, de modo que minha mãe fazia isso sozinha e apenas me presenteava. Assim, no que diz respeito à aparência, em mim não havia evidências de homossexualidade ou conflitos quanto à minha imagem como mulher, não havia comentários sobre mim nesse sentido, muito menos preconceções do que eu talvez gostasse. Para minha sorte, os sapatos com saias haviam se popularizado; então, nesse instante, eu era apenas uma garota crente e tímida.

Era um momento confortável para se mostrar como uma garota tradicional, então me permiti encobrir meus desejos com coisas masculinas e pensamentos homoafetivos com piada e jogos de desinteresse. Ainda assim, já fazia tempo que tinha me tornado uma militante das causas feministas e LGBTQ³, não havia comentários preconceituosos perto de mim que não fossem rebatidos. A garota devota religiosa, cuja igreja não permitia usar nem calças, militando na causa gay, estava se normalizando.

Nesse caminho, no intuito de convencer meu cérebro e o mundo de que eu era uma garota cristã e obediente, me ocupei com pensamentos heteronormativos e tradicionais, os quais fazia questão de expor sem medo, como manter crushes em garotos que eu achava estilosos, comentar sobre a frequência que ia aos cultos ou como adorava os hinos e as festas. Por dentro, eu guardava meus anseios de já não me enquadrar nas doutrinas religiosas por completo, repreender meu romantismo homoafetivo e já não sentir conforto nas minhas

vestimentas mais comuns. Atente-se à circunstância exposta em que as verdades que me permitia compartilhar não eram mentiras para encobrir outras verdades, mas um local confortável no qual tinha conhecimento da minha participação e me sentia inclusa ao mesmo tempo que não me identificava.

E talvez seja exatamente essa a motivação que atravessa o indivíduo que diz da não-binaridade de gênero. Ainda que construa o desejo de romper com a estruturação binária, não necessariamente irá construir o desejo de romper com a necessidade de identificar-se. O sentimento de pertencimento, ainda que imponha quaisquer fronteiras, talvez seja mais confortável que se colocar sempre à margem das questões identitárias [...] (Reis; Castro, 2019).

Nesse sentido, como resultado do anseio intermitente de me descobrir em meio a esses termos identitários em concomitante à responsabilidade de se apresentar de acordo com os padrões binários, meus 15 anos foram marcados pelo início de muitos transtornos decorrentes da pressão para reprimir desejos e tentar carregar um tipo diferente de discurso.

Como eu não era uma boa mentirosa, já era de se esperar que meus colegas fossem desconfiar das minhas falas. Principalmente minha admiração por uma garota de piercing no septo que estudava no 3º ano, enquanto estávamos no 2º. Até o fim do Ensino Médio, apenas uma pessoa sabia esse detalhe da minha sexualidade, e ela se descobriu junto comigo.

Antes de concluir as aulas no Ensino Médio, que haviam atrasado alguns meses por motivos de greves, eu já me encontrava na universidade. Mas o medo de desbravar novas terras, voltando para a capital depois de tanto tempo para me dedicar a um dos cursos de nível superior que tinha passado através de vestibular e ENEM, acercado de meu interesse por Educação e Filosofia, me fizeram permanecer em Rorainópolis para iniciar o curso de Ciências Humanas na Universidade Estadual de Roraima (UERR).

É neste momento que adentro no espaço que compreendia como cenário perfeito para minhas maiores descobertas e, para além disso, também de apoio e visibilidade, pensando na instituição de ensino não mais como um lugar de medo e performances de binaridade como escape de preconceitos, mas como acolhimento e fomento de discursos oriundos da minha própria voz.

3 Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e queer.

Ainda que com apenas duas semanas de aula, a pandemia do Covid-19 tenha começado e afastado a todos dos encontros presenciais, a pessoa que estudou naquelas primeiras duas semanas usava saias, tinha um cabelo longo com um cocó no alto da cabeça e ainda não tinha certeza de como mostraria ao mundo quem ela realmente queria ser. A que voltou às aulas dois anos depois, usava calças compridas, tinha um cabelo no estilo “masculino” e um sapato de solado grosso que fazia um som abafado ao tocar no chão. Ela tinha entendido que seu próprio nome lhe roubava a essência e seu guarda-roupa masculino já era uma realidade. Nesse momento, os conflitos de identidade, que até então eram internos, já estavam se apresentando a todos.

Rodeada dos anseios sociais de determinação biológica e cultural de gênero na qual estava inclusa, a identidade que vinha construindo surge como um efeito. Isto é compreendido na perspectiva de Butler (2003), em sua interpretação da identidade do sujeito colocada como um feito que sucede o gênero. Isso porque, para o sujeito ser visto em termos identitários, é necessário um gênero. Dessa forma, sendo gênero um feito, a identidade sucederá essa significação como resultado das expressões de gênero alicerçadas na performance do mesmo. Assim, o gênero é:

constituente da identidade que supostamente é. Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. [...] não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados (Butler, 2003, p. 48).

Dessa forma, reconhecendo o gênero como uma expressão, se encontrar nestes termos já era uma realidade, apesar da demora para que o ato de performar a identidade que tentei esconder, até então, tomasse forma. Porém, pela ousadia de sair da zona de conforto e tentar ser mais autêntica, comecei a ver de perto como o tradicionalismo da região pode ser desafiador.

Foram duas as vezes em que fui questionada quais são meus “pronomes”. A primeira vez em uma festa, em que o mais velho tinha, no máximo, 25 anos. A segunda vez no mercado em que trabalhei no ano de 2021, quando uma pessoa se apresentou a mim como travesti, disse que preferia os pronomes femininos e achou que eu gostaria de ser chamada por

pronomes masculinos, por causa das roupas que eu estava usando. Para tanto, foram incontáveis as vezes em que fui chamada de “senhor”, “amigo”, “moço” ou “rapaz”. Não é como se eu interpretasse como uma ofensa, mas o silêncio das pessoas, ao perceberem o equívoco, é indecifrável.

Pensando nesse silêncio, que é seguido também de um olhar curioso, Butler (2002) afirma que os “corpos na verdade carregam o discurso como parte de seu próprio sangue. E ninguém pode sobreviver sem, de alguma forma, ser carregado pelo discurso”. A autora ainda:

Fala de corpos cujas vidas não são importantes. Corpos que materializam subjetividades pouco aceitáveis no espectro de uma matriz de inteligibilidade que sinaliza os limites do esquema binário. Corpos que experimentarão o desconforto de serem observados e comparados a partir dos modelos que compõem essa matriz (Butler, 2002 apud Reis & Castro, 2019).

Por conseguinte, mesmo sob essa realidade, objetivei dar força à ânsia de me aproximar da caricatura de gênero que queria vestir e passei a me rebelar na construção da minha imagem que persistia em carregar esse discurso.

Nesse caminho, os banheiros femininos passam a ser intimidadores, pois minha imagem, em muitos momentos, não evidencia feminilidade. Assim, ao ver o tratamento das pessoas mudar drasticamente pela nova imagem que passei a carregar, comecei a me perguntar onde seriam meus limites em referência às minhas performances de gênero.

Eu queria parecer um garoto, mas me sentia como um?

Até então, eu apenas me apresentava como uma mulher “desfem”. O termo é comumente usado na comunidade LGBTQ+ para se referir a mulheres que não performam feminilidade, em geral, em suas vestimentas. Ao mesmo tempo, eu sabia que me declarar uma mulher, quando me sentia avessa a isso a vida toda, me fazia sentir uma impostora.

À medida que me debruçava nesse universo de possibilidades, que é o mundo queer, passei a descobrir termos e formas de expressão de gênero diferentes daqueles a que estava habituada. Minhas fontes foram novos colegas da comunidade LGBTQ+, filmes, séries de TV e artigos na internet.

Assim, ainda em 2021, descobri que não precisava me enquadrar em um gênero binário e passei a interpretar a descoberta da não-binaridade como um sentimento próximo ao da percepção de bissexualidade. Nela, pode ser que você passe a vida atraído pelo gênero oposto e se convença de que esse lado seu é identitário, mas não definitivo, pois você tem muitos crushes no mesmo gênero e não quer deixar esse seu lado completamente esquecido. À medida que você se vê representado em ambos os sentimentos, se perde na ideia de que precisa escolher um lado. É aqui que o desafio da própria aceitação está, no momento em que a heterossexualidade compulsória tenta te convencer de que o mundo onde você pode ser você mesmo, é uma utopia.

De volta às aulas presenciais, na universidade, me esforcei para não trazer minha vida pessoal à tona. Já tinha vivido o bastante para perceber que explicar uma simples designação de gênero ou sexualidade exigia o mínimo de conhecimento da parte dos ouvintes, algo que não era uma realidade.

Estar num ambiente acadêmico estudando algo que eu queria muito me fez sentir que eu estava certa quanto ao meu desejo de me tornar uma intelectual. Outro desejo era conhecer um lugar de pessoas que pensam à frente de seu tempo, que não têm medo de expressar opiniões fortes e necessárias. Nesse caminho, as opiniões fortes que me cercaram foram o fundamentalismo religioso e os preconceitos. Atente-se ao círculo vicioso daqueles que não possuem conhecimento em algo em não se esforçarem para tal, dadas as opiniões preconcebidas em fontes de mesma premissa. Apesar disso,

Os espaços de saber, mais especificamente ambientes universitários, são identificados como espaços de socialização nos quais precisam desenvolver discussões acerca da sexualidade, na visão cultural, e da espectrometria de gêneros, levando em consideração o respeito à produção das subjetividades dos sujeitos inseridos neste contexto. Entende-se, assim, que a cultura educacional influencia e também é influenciada por meio dos sujeitos sociais (Miskolci, 2014 apud Góes, 2019, p. 198).

Na premissa apontada acima, se tratando de um ambiente aberto para dialogar, foram muitas as discussões acerca dos direitos básicos da comunidade LGBTQ+ e as ideias de que estas pessoas estão destruindo a “família” expostas em sala de aula. Nesse meio tempo, trabalhar na construção de um discurso em defesa da comunidade, à qual já fazia

questão de evidenciar que faço parte, foi resultado dos frequentes embates que tive com a turma nos momentos em que minha opinião divergia dos demais. Aparentemente, eu era a única da turma com voz para essas causas e não é por se tratar de uma instituição de nível superior que os acadêmicos não reproduziram o tradicionalismo da região.

Em contrapartida, passei a usar os apontamentos que apresentam a comunidade LGBTQ+ enquanto vilãs da cristandade como inspiração em minhas próprias pesquisas. Por ser uma pessoa muito religiosa, sempre tentei priorizar minha religião em minhas falas, ao mesmo tempo, foi pensando em como é crescer nesse ambiente que nega sua identidade que fiz um projeto de intervenção na disciplina de estágio em que levei para uma turma de 1º ano o tema “Estigma de ser diferente”. Nele, o objetivo era abordar, através da teoria do estigma de Goffman (1988), o surgimento de ideias preconcebidas nas pessoas e nossas motivações para julgar o próximo no momento em que nossas expectativas são quebradas.

Esse projeto foi a inspiração para esta escrevivência. Já tinha decidido que abordaria algo nesse sentido, então meu orientador sugeriu contar minha própria experiência. Assim, passei a me aprofundar nas questões de gênero, imagem e os meios possíveis para mostrá-las ao mundo. Observe que a universidade não se mostrou como um espaço de acolhimento, mas me permitiu conhecer mais sobre temas identitários de gênero e poder compartilhar com a comunidade acadêmica minha opinião em discursos e pesquisas.

Trabalhar em meio à necessidade da exposição de um discurso trans, da defesa dessa comunidade silenciada e invisibilizada da qual faço parte fundamentou-se no sentido de fazer uso desse espaço de voz, que é uma instituição de ensino superior, e, como argumenta Dias (2020), “produzir conhecimento sobre tais sujeitos a partir deles mesmos, estimulando-me a descrevê-las em vez de teorizar sobre suas vidas” (p.1).

Pensando nessa falta de representatividade e no desconhecimento das principais teorias de gênero na atualidade que encontrei nesse espaço, Góes (2019) afirma que:

A universidade precisa fomentar debates discursivos tanto sobre a sexualidade como também a respeito das diferentes identidades/expressões de gêneros, no intuito de destronar o dimorfismo macho-fêmea como matriz única presente na sociedade. Com base nisso, em meio à espectrometria de gêneros faz-se necessário desconstruir, sistematicamente, principalmente no meio educativo, os supostos estereótipos de dados constitutivos fundamentais de toda pessoa humana. (p. 26).

Trata-se de olhar para uma população que segue ridicularizada pelas fortes expressões de imagem e discurso, de existências negadas pela heterossexualidade compulsória que rege a sociedade e define os parâmetros binários referenciados como normas, as quais a sociedade deve copiar e performar. Para que se fomente respeito e liberdade, nas palavras de Paulo Freire: “[...] não basta você estar convencido do acerto de suas ideias e do acerto de sua prática. Você precisa demonstrá-lo e convencer os demais. Diria até que, em muitos casos, você precisa converter” (Freire, 1991, p. 74, grifo do autor).

Compreende-se como minha jornada até aqui é marcada pelas descobertas, o percurso de percepção de imagem e como ela implica mesmo uma simples existência qualquer, ferindo, marcando e provocando nos diferentes ambientes em que se encontra. Evidencia-se como uma existência não-binária resiste à imposição fundada no gendramento, em que as subjetividades brigam para ganhar notoriedade e decidem que um ambiente de silenciamento pode ser cenário de resistência e (re) construção. Dá-se também um olhar em especial à universidade e seu papel de dar notoriedade a vozes como a minha na construção de conceitos que viabilizem à sociedade comum usufruir dessas novas/outras interpretações de gênero e permitir seu fomento junto à desconstrução de saberes leigos e preconceituosos.

REFERÊNCIAS

BOTTON, Andressa; STREY, Marlene Neves. Influências da literatura infantil brasileira no gendramento de meninos e meninas. PUC-RS, 2010.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria. Entrevista a Baukje Prins e Irene C. Meijer. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 155-167, jan. 2002.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GÓES, Fernanda Karla Fernandes da Silva. O quarto excluído: gêneros não binários e formação universitária. João Pessoa – PB, 2019.

DIAS, Alfrancio Ferreira. Escrivências trans* como potência. Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp. Salvador, v.29, n.59, p. 329-344, jul./set. 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21879/faeeba2358-0194..202-.v29.n59.p329-344>>. Acesso em 25 set. 2023.

FREIRE, P. A educação na cidade. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1991.

DIAS, Robson Batista. Identidade de gênero trans e contemporaneidade: representações sociais nos processos de formação e educação. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS. Campo Grande, Mato Grosso do Sul, p. 78. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/2680>>. Acesso em 10 de novembro de 2023.

GOFFMAN, E. Estigma: Estigma notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

OLIVEIRA, Marcelo de Jesus; SAMPAIO, Juliano Casimiro de Camargo; SILVA, Olívia Aparecida. Entre e para além da literatura: um estudo da noção de “escrivência”, de Conceição Evaristo. Nau Literária – crítica da literatura em língua portuguesa, Porto Alegre, Vol. 17, n. 2, 2021. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>>. Acesso em 25, setembro de 2023.

OSBORN, Joan. One of us. Warner Chappel Music, Inc: 1995. Disponível em: <<https://www.diariofm.com.br/letras/joan-osborne/one-of-us>>. Acesso em 26, nov. de 2023

UEMG UNIDADE DAVINÓPOLIS. Encontro com a autora Conceição Evaristo – 4/11/15. 24 nov. 2015. Disponível em: <<https://youtu.be/n0YupSAbJ-k?si=mSQgCVoukG9Mw9nm>>. Acesso em: 25 set. 2023.

REIS, Neilton; CASTRO, Roney Polato. Narrativas de experiências na não-binaridade: discutindo gênero, identidades e diferenças. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 04, n. 11, p. 504-520, maio/ago. 2019.